

Diálogos e(m) Sentidos

Vanessa Fonseca Barbosa¹, Maria da Glória Corrêa di Fanti²

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, bolsista do CNPq. Desenvolve o projeto de doutorado "Uma voz apagada? Análise da atividade de revisão de textos acadêmicos sob as perspectivas bakhtiniana e ergológica" (BARBOSA, 2014). Integra a equipe de pesquisadores do projeto "A tensa relação com o discurso do outro e a produção de sentidos: contribuições bakhtinianas para a pesquisa e a formação na contemporaneidade", apoiado pela FAPERGS. E-mail: vanessa.barbosa@acad.pucrs.br

² Professora e pesquisadora da PUCRS. Atualmente desenvolve as seguintes pesquisas: "Perspectiva dialógica e abordagem ergológica: questões de linguagem e trabalho" (DI FANTI, 2014a) e "A tensa relação com o discurso do outro e a produção de sentidos: contribuições bakhtinianas para a pesquisa e a formação na contemporaneidade" (Edital Pesquisador Gaúcho, FAPERGS, idem, 2014b). E-mail: gloria.difanti@pucrs.br

Nesta edição especial da Revista Letrônica, encontramos reflexões de docentes e pesquisadores que participaram do DUO VII – *Dialogue Under Occupation* – um evento internacional, interdisciplinar e itinerante que marcou, em 2015, as comemorações dos 45 anos do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

O *Dialogue Under Occupation* tem como fundador o professor Lawrence N. Berlin, da Northeastern Illinois University nos Estados Unidos, e surgiu do encontro entre o professor Lawrence e um grupo de pesquisadores de universidades ocidentais, médio-orientais e orientais que buscavam discutir com a comunidade acadêmica dois principais conceitos inter-relacionados: diálogo e ocupação. Desde a sua primeira edição, no ano de 2006, o grupo realiza conferências internacionais e itinerantes que permitem a troca com professores e pesquisadores de diversas partes do mundo, os quais, a partir das suas percepções e experiências com os eixos temáticos que norteiam o evento, estabelecem profícuas interações.

A primeira edição do DUO aconteceu, no ano de 2006, em Chicago, na Northeastern Illinois University. Na segunda edição, ocorrida no ano de 2007, o evento foi para Abu Dis, em Jerusalém Oriental. A terceira aconteceu dois anos depois, em 2009, e foi sediada pela Pontifícia Universidad Javeriana, em Bogotá, na Colômbia. Já a quarta edição do DUO foi em 2010, quando o evento retornou para os Estados Unidos, realizado em Washington DC com a colaboração da American University e da George Mason University. A quinta ocorreu no ano de 2011, no Japão, na Okinawa International University. A sexta edição do DUO foi no ano de 2012, momento em que o encontro retornou

para o Oriente Médio, sendo realizado na Libanese American University, em Beirute, no Líbano. Em 2015, entre os dias 28 e 30 de outubro, aconteceu no Brasil a sétima edição do DUO, a qual contou com a presença de centenas de pesquisadores nacionais e internacionais reunidos na PUCRS em torno de estudos diversos que tinham como ponto de encontro o diálogo a partir de três grandes eixos temáticos: Diálogo em Perspectiva, Dilemas Interculturais e Expressão de Conflitos.

O primeiro deles – *Diálogo em Perspectiva* – reuniu estudos que tinham a temática do diálogo como foco dos seus trabalhos em diversas abordagens teórico-metodológicas bem como abarcou pesquisas que estabelecem um diálogo entre objetos científicos distintos. Desse modo, nesse eixo temático, os participantes do DUO VII contaram com a apreciação e o debate de múltiplas investigações científicas, realizadas por professores e pesquisadores de diversas Instituições de Ensino Superior (IES) nacionais e internacionais, através de temas como, por exemplo, identidade, diálogo face a face, diálogo entre discursos, alteridade, interação, interfaces entre áreas etc.

O eixo temático *Dilemas Interculturais* congregou trabalhos que tinham como ponto de encontro reflexões sobre o complexo e tenso cenário de conflitos ocorrentes no mundo contemporâneo intercultural, debatendo, de modo científico, questões discursivas, culturais e sociais que permeiam esses dilemas e se fazem presentes nesse panorama. Nesse eixo, foram colocadas em diálogo pesquisas sobre os distintos universos simbólicos e discursivos que perpassam a aproximação entre culturas, abordando os dilemas de valores sociais, ideológicos e políticos que se impõem, contando, portanto, com o debate entre pesquisas que se debruçavam em temas como: multiculturalismo e transculturalismo, multilinguismo, choque de culturas, relativismo e universalismo cultural, orientalismo e ocidentalismo, apelos midiáticos, materialismo e humanismo, modernidade e pós-modernidade, individualismo e coletividade, agência coletiva e desacordo epistêmico, dentre outros.

Já no eixo temático *Expressão de Conflitos* foram debatidas pesquisas que colocaram em discussão maneiras teóricas e/ou práticas de resolução de conflitos emergentes em diferentes esferas de interação social. Compreende-se o espaço de conflito como uma possibilidade ao diálogo nas suas variadas expressões. Por isso, foram reunidas nesse eixo temático pesquisas a respeito de múltiplos contextos culturais de convivência em que há conflitos, impasses e relações de tensão, em diferentes esferas de atividade humana, tais como: laboral, artística, educativa, política, midiática, clínica, hospitalar, ambiental, econômica, etc. (DI FANTI; THEOBALD, 2016, p. 11-12).

Tomando o diálogo como um dos principais centros de reflexão do evento, cabe salientar que o conceito foi considerado, a partir de diferentes perspectivas dos estudos da linguagem, não apenas como um ponto de convergência e conciliação mas também como um espaço de (des)encontro de vozes e, conseqüentemente, de discursos. Nesta reflexão, não visando

recobrir o conceito de diálogo em sua amplitude e complexidade, discorreremos brevemente sobre o Diálogo na perspectiva de Bakhtin e o Círculo¹, tendo em vista a produtividade do conceito.

Na óptica bakhtiniana, vivemos imersos em um universo de signos ideológicos que são por nós a todo o instante convocados ao estabelecimento de sentidos, considerando a relação entre as nossas posições avaliativas e os julgamentos de valores construídos socioideologicamente. Dessa maneira, o encontro de duas pessoas nunca é apenas a reunião de dois seres isolados mas sim a interação de dois centros de valor, *eu* e *outro*, repletos de suas experiências, de suas historicidades e com distintos modos de compreensão e apreensão socioideológica do mundo, os quais, ainda que se aproximem, serão sempre diferentes. Isso porque, conforme nos destaca o filósofo russo, cada agir da atividade humana olha como um Jano bifronte em duas direções que se opõem: “para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a singularidade irrepetível da vida que se vive, mas não há um plano unitário e único em que as duas faces se determinem reciprocamente em relação a uma unidade única” (BAKHTIN, [1920/1924]/2012, p. 43).

Tomar tal acepção como ponto de partida para tratar do diálogo pressupõe compreendê-lo também como um espaço que contempla a tensão discursiva e o conflito, uma vez que considera as diferenças advindas dos dois centros de valor da enunciação (*eu/outro*), sobretudo quando se trata das questões axiológicas que os constituem. Portanto, ponderar a respeito da tensão imanente ao diálogo na perspectiva bakhtiniana pressupõe observar, por exemplo, as “formas mais ou menos aparentes em que o outro aparece no discurso, mecanismo que revela diferentes processos de subjetivação e produção de sentidos” (DI FANTI, 2014, p. 7).

Essas considerações põem em relevância alguns dos princípios de uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem e a importância de estudos e pesquisas que consideram a linguagem em uso. No texto *O Discurso no Romance*, por exemplo, Bakhtin desenvolve algumas críticas aos estudos da estilística tradicional e a mais recorrente delas está no fato de que “a estilística não operava com a palavra viva, mas com seu preparado histológico, com a palavra abstrata da linguística a serviço da maestria individual do escritor” (BAKHTIN, [1934-1935]/2015a, p. 21). Tal postura ignora o caráter dialógico da linguagem, uma vez que toma a palavra como algo à parte da vida social e, conseqüentemente, como alheia aos vários acentos de valor que comporta e às diversas posições ideológicas que admite, dependendo dos contextos e dos interlocutores a partir dos quais emerge.

¹ O Círculo de Bakhtin era um grupo constituído por intelectuais de formações e interesses distintos que, de 1919 a 1929, se reuniu na Rússia para refletir acerca de questões variadas, dentre as quais se destaca o debate acerca da paixão pela linguagem. Os principais componentes do Círculo eram V. N. Volochinov, P. N. Medvedev e, o líder do grupo, Mikhail Bakhtin (FARACO, 2009).

Bakhtin ratifica em seus textos que cabe às ciências da linguagem considerar a língua para além de um sistema de regras abstratas, devendo concebê-la como ideologicamente marcada, como “cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica” (BAKHTIN, [1934-1935]/2015a, p. 21). Dito de outro modo, na perspectiva bakhtiniana, olha-se, portanto, para a “palavra viva” e é essa postura que edifica as bases de uma maneira dialógica de conceber a língua, o sujeito e, conseqüentemente, as atividades languageiras e a sua produção de sentidos que surgem em situação enunciativa.

Nesse viés, devemos contemplar a palavra como um signo ideológico por natureza, o qual “não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata uma outra” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929]/2010, p. 32). Isso implica compreender que vivemos imersos em um universo de signos ideológicos que são por nós a todo o instante convocados ao estabelecimento de sentidos, considerando a relação entre as nossas posições avaliativas e os julgamentos de verdades construídos socioideologicamente.

Esse todo significativo inerente da linguagem forma a imensa cadeia discursiva em que se inserem os dizeres e no qual ocorre a permanente (re)construção de sentidos. Bakhtin nos ensina ainda que não somos os primeiros a povoar as palavras de sentidos, pois “todo o enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados que o antecederam” (BAKHTIN [1952-1953], 2016, p. 61), uma vez que todo o enunciado concreto:

[...] está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos. O discurso voltado para o seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; e tudo isso pode formar com fundamento o discurso, ajustar-se em todas as suas camadas semânticas, tornar complexa a sua expressão, influenciar toda a sua feição estilística (BAKHTIN, [1934/1935]/2015a, p. 48).

Isso ocorre diante do fato de que o próprio objeto do discurso do falante transforma-se “inevitavelmente em um palco de encontro” (ibidem) com opiniões de interlocutores imediatos (advindos, por exemplo, de conversas sobre um evento cotidiano) ou “com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc.” (ibidem) resultantes de interações passadas e/ou de antecipações de respostas. Desse modo, somente ao Adão mítico poderia ser atribuído o papel de precursor das palavras carregadas axiologicamente, tal como nos esclarece o pensador russo. Todos os demais seres estão imersos em um ininterrupto diálogo entre dois centros de valor, o *eu* e o *outro* (locutor e interlocutor) que compõem o princípio dialógico da enunciação e organizam o discurso.

Nesse cenário, em que o discurso se forma e se transforma a partir da constitutiva relação com outros discursos, o locutor se instaura responsivo e responsável pelo seu dizer. Em cada realização da linguagem, surge um novo arranjo, através do qual as palavras ganham novos acentos valorativos e conseqüentemente novos sentidos. Bakhtin/Volochínov ([1929]/2010, p. 138-139) ilustra essa questão em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* com um exemplo da obra *Diário de um Escritor*, de autoria de Dostoiévski. Trata-se de uma cena em que seis operários embriagados utilizam-se de uma mesma palavra com entoações totalmente diferentes, o que significa que um sentido único é atribuído a cada uma delas, no caso: contestação, negação, injúria, designação de um objeto, exclamação e irritação. Logo, ainda que as palavras utilizadas sejam as “mesmas”, cada enunciação dialógica pertence ao domínio do único e do irrepetível.

Nessa perspectiva, têm-se, portanto, no enunciado a unidade básica e real de análise da língua que, opositivamente à frase, é “uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro” (BAKHTIN, [1952-1953]/2016, p. 29). Desse processo decorre a natureza dialógica do enunciado, uma vez que comporta dizeres outros, tanto os proferidos como os a proferir, seja para antecipá-los, refutá-los ou ratificá-los, sendo, por isso, um elo na cadeia da comunicação discursiva (ibidem). Permanentemente, por meio dos enunciados, nós não só refletimos como também refratamos o mundo, atribuímos valores e formas variadas de apreender a realidade, a partir de nossos contextos, nossas vivências e histórias que são distintos e irrepetíveis.

Nessa concepção dialógica de linguagem, importam-nos, mais do que as relações lógicas da língua, as suas relações dialógicas (semânticas), as quais são estabelecidas entre os interlocutores nas diversas situações enunciativas. Conforme nos explica o pensador russo, as relações dialógicas não se reduzem às “relações lógicas ou concreto-semânticas” (BAKHTIN, [1963]/2015b, p. 209), mas, para que as relações lógicas se tornem relações dialógicas, elas necessitam “materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ele expressa” (ibidem, p. 210).

As relações dialógicas necessitam da vivacidade do enunciado para que possam existir; caso contrário, estaremos diante de palavras ou frases da língua que podem manter entre si relações lógicas, mas que definitivamente não são as que orientam a realidade linguística dos falantes. A partir do imbricamento das relações dialógicas resultantes das inúmeras enunciações, é possível vislumbrar também as vozes sociais reveladoras das posições valorativas dos interlocutores, formando o todo dialógico do discurso.

Este, por sua vez, adentra nesse entremeio dialógico tenso de discursos alheios, de juízos de valor diversos e tons axiológicos que subsidiam as múltiplas formas de interações humanas. Para compreender qualquer relação interlocutiva,

é de suma importância recorrer também ao postulado da alteridade, ou seja, ao princípio de que todo o projeto de dizer organiza-se na relação entre um eu e um outro, havendo responsividade.

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entoação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio, eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a transformação da primeira noção de mim mesmo. [...]. Como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro (BAKHTIN, [1979]/2011, p. 373).

Nessa relação necessária entre *eu* e *outro*, o outro é essencial para o reconhecimento do eu. Também se acrescenta a essa reflexão o fato de o outro ser outro discurso, que pode ser aparente ou não, mas que intervém na constituição dos sentidos.

No que tange ao dialogismo, ou seja, o princípio que pressupõe a permanente relação eu/outro, torna-se importante destacar que a dialogia que organiza tal relação não conta necessariamente com uma compreensão definida de um destinatário em específico, mas sim com um interlocutor presumido, que participa da organização da enunciação e que tem a responsabilidade da resposta.

Considerando o exposto no que se refere ao diálogo em suas diferentes nuances, que extrapolam a forma composicional do diálogo face a face, destacamos que a natureza dialógica da linguagem, do discurso, instaura uma dimensão de ressingularização do dizer que, inter-relacionando passado, presente e futuro, abre-se para a produção, circulação e recepção de discursos em diferentes esferas de atividade. Nessa perspectiva, destacamos a importância dos olhares singulares para os objetos de investigação focalizados no DUO VII, que, embora não contemplando apenas a abordagem bakhtiniana, tiveram o diálogo como centro de reflexão. Foram múltiplos e proveitosos debates entre pesquisadores de diversas universidades nacionais e internacionais a respeito de inúmeras práticas de linguagem situadas em variadas esferas de comunicação discursiva.

Nesta edição especial da revista *Letrônica*, encontram-se reunidos trabalhos de professores e pesquisadores nacionais e internacionais que, além de participaram do DUO VII, submeteram para avaliação do Comitê Editorial textos que contemplam um dos eixos temáticos propostos pelo evento: Diálogo em Perspectiva, Dilemas Interculturais e Expressão de Conflitos. Diálogo em Perspectiva, Dilemas Interculturais e Expressão de Conflitos.

De modo geral, as reflexões desenvolvidas nos textos que compõem esta edição analisam, sob diversas perspectivas, a complexidade envolta nos processos de produção de sentidos dos discursos produzidos em variados contextos de

interação. Podemos dizer também, ampliando a reflexão para o evento propriamente, que os participantes do DUO VII, ancorados em distintas perspectivas teórico-metodológicas, puderam compartilhar de intensos momentos de trocas entre seus pares.

Para finalizar esta discussão, seguindo a perspectiva do diálogo e a proposta do DUO VII, tomamos as palavras de Bakhtin ([1963]/2015b, p. 293): “Ser significa comunicar-se pelo diálogo”. Podemos dizer, alinhados a essa provocação e ao desejo de que os textos contidos nesta coletânea possam estimular diferentes interações, que o Ser realiza-se no contínuo processo entre diálogos e(m) sentidos.

Referências

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.) *Marxismo e Filosofia da linguagem*: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. *Os Gêneros do Discurso* [1952-1953]. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. *Teoria do Romance I: A estilística* (1934-1935). Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015a.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski* [1963]. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015b.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável* [1920/1924]. Trad. Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- _____. Apontamentos de 1970-1971. In: _____. *Estética da Criação Verbal* [1979]. Tradução de Paulo Bezerra, 2011. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- DI FANTI, M. G. C. *A tensa relação com o discurso do outro e a produção de sentidos*: contribuições bakhtinianas para a pesquisa e a formação na contemporaneidade. Projeto de Pesquisa, FAPERGS, 2014.
- DI FANTI, M. G. C.; THEOBALD, P. A prática do diálogo. *Anais do DUO VII: Textos Completos*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2016.
- FARACO, C. *Linguagem & diálogo*: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.